



Sara Mendonça  
CCA ONTIER

## CRIMES CONTRA ANIMAIS DE COMPANHIA

"Quem é cruel com os animais não pode ser bom homem."

Porventura inspirada num pensamento idêntico a este, do filósofo alemão do século XIX Arthur Schopenhauer, no dia 1 de outubro de 2014 entrou em vigor em Portugal a Lei nº 69/2014, que criminaliza os maus tratos e o abandono de animais de companhia.

A partir desta data passou a constar do Código Penal Português o 'Título VI - Dos crimes contra animais de companhia', plasmando os crimes de maus tratos e de abandono a animais de companhia puníveis, não só com penas de multa, mas agora, e se assim se justificar, com penas de prisão até seis meses (no caso de abandono) ou até dois anos (se daí resultar a morte ou deficiência grave para o animal).

Geradora de grande controvérsia, a nova legislação fez com que vozes dissonantes se alteassem, divididas entre a opinião de que a "intervenção é excessiva" ou, pelo contrário, de que a criminalização "terá um efeito dissuasor".

Na ratio desta nova Lei está a proteção do bem-estar animal, uma necessidade cada vez mais premente, face

ao aumento exponencial do número de animais errantes, famintos e doentes, abandonados e maltratados pelas ruas do País.

Atento a esta realidade alarmante e dramática, o legislador procurou evitar um potencial problema de saúde pública e, em simultâneo, assegurar um tratamento condigno dos animais, inserindo a regulação desta matéria no Código Penal, com a convicção de que assim se cumprirá a sua função pedagógica e dissuasora de modo mais eficaz.

Perguntar-se-ão se esta Lei ditará o fim dos maus-tratos aos animais?

Provavelmente não, até porque qualquer reforma legislativa leva o seu tempo a enraizar-se no seio da sociedade civil, sem mencionar o facto de estarmos, neste caso, perante uma questão que é, certamente, mais de civilidade do que de âmbito jurídico.

O que nos leva ao cerne da problemática e à questão fulcral:

**Estaremos nós, enquanto comunidade e pessoas singulares, realmente preparados para uma mudança de mentalidades?** ■

e quanto mais pessoas envolvo, mais raízes espalho e pensar em desistir torna-se mais difícil. Estes desafios só são possíveis com muita 'cabeça' e ajuda de outras pessoas. E eu dou sempre tudo para que aconteçam.

**Realiza travessias longas e exigentes que o podem levar a ficar 40 horas seguidas no mar. Como é que se prepara física e psicologicamente para estes desafios?**

Sei a data de partida para a prova três dias antes, porque tenho informação de quando vai haver boas condições através do Instituto Hidrográfico da Marinha e depois é 'aguentar-me à bomboca'. [risos] Tudo é uma incógnita. Exercito ao máximo as pernas e os abdominais, faço exercícios específicos com o meu fisioterapeuta... Antes das viagens, faço treinos em cima da prancha que duram muitas horas seguidas, para testar vários aspetos, principalmente a alimentação. Não sou o atleta comum, porque estou a gerir o projeto e tenho de garantir tudo. Dá-me gozo, mas tira-me anos de vida!

**Quais são as principais ameaças que pode encontrar?**

O vento, sem dúvida! Sem vento é impossível. As ondas não me afetam muito, mas aos barcos de apoio sim.

Se param, eu também tenho de parar. Se houver lixo ou objetos no mar a flutuar à noite, que eu não veja, pode ser perigoso.

**Também dá palestras motivacionais. Que mensagens tenta passar à audiência?**

É muito bom contribuir para que as pessoas, principalmente os portugueses, avancem e arriquem. Que não tenham medo de falhar! Eu também tenho, mas vou tentando superar isso. Não é mau falhar, é uma aprendizagem mais forte do que estar sempre a acertar. A mensagem que passo tem como base a superação, o querer mais, sem medo do que possa acontecer.

**Recentemente, promoveu uma ação que levou crianças portadoras de deficiência a terem contacto com o mar pela primeira vez. Como nasceu esse projeto?**

Assim que fosse ganhando protagonismo, gostava de usar isso para fazer alguma ação boa para os outros. Pensámos: 'Será que alguém nunca viu o mar?' Em parceria com projeto educativo 'Kit do Mar', as crianças tiveram umas aulas sobre o peixe e o mar à medida das suas capacidades e foi muito produtivo. Acho que foi muito marcante para eles. Pelo *feedback* que tive, estavam radiantes. Foram muito expressivos: abraçavam-me, iam à água, chapinhavam... Apenas tinham visto o mar na televisão e ali só diziam: 'Frio, frio, frio!' Ainda os pus em cima da minha prancha, a fingir que estavam a fazer *kitesurf*. Estavam na lua. Fiquei com a alma mais leve, a dormir nas nuvens. Eu estava mais contente do que eles. Foi uma tarde impecável e gratificante. ■

